

DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES NO CRESCIMENTO ECONÔMICO DAS MESORREGIÕES GAÚCHAS

Mygre Lopes¹
Daniel Arruda Coronel²
Rodrigo Abbade da Silva³

Área temática: Macroeconomia regional, setor externo, finanças públicas

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a importância das exportações na formação da renda de cada mesorregião do Rio Grande do Sul, através do Índice de Esforço Exportador (IEE). Os resultados obtidos apontam maiores valores para as regiões Centro-Oriental e Sudeste, uma vez que estas apresentam maiores vantagens em exportar produtos agropecuários, além do comércio apresentar parcela significativa do produto da região. As mesorregiões Sudoeste, Centro-Occidental e Noroeste refletem a agricultura de grandes propriedades ainda não suficientemente competitivas em relação ao mercado externo. As regiões Metropolitana e Nordeste destinam boa parte de sua produção ao mercado interno.

Palavras-chave: Exportações gaúchas. Crescimento econômico. Economia Regional.

DYNAMICS OF EXPORTS IN THE ECONOMIC GROWTH OF MESOREGIONS OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: This study aims to analyze the importance of exports in the formation of income of each mesoregion of Rio Grande do Sul, through the Exporter Effort Index (EEI). The results obtained show higher values for the central-eastern and southeastern regions, since these have greater advantages in exporting agricultural products, also because of the fact that the commerce presents a significant portion of the product of the region. The mesoregions from the southwest, west-central and northwestern reflect the agriculture of large farming properties, which are not sufficiently competitive in relation to the external market. The Metropolitan and Northeast regions direct much of their production to the domestic market.

Keywords: Rio Grande do Sul Exports; Economic Growth; Regional Economy.

1 Introdução

A formação histórica e econômica do Rio Grande do Sul deu-se a partir dos eixos Rio Grande- Pelotas e Porto Alegre- São Leopoldo. No primeiro, concentravam-se as atividades

¹Mestranda do PPGA da UFSM e Bolsista de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Rua Roraima n° 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria, RS, CEP: 97105-900, prédio 74-C. E-mail: mygrelopes@gmail.com.

²Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Administração e Diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Rua Roraima n° 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria, RS, CEP: 97105-900, prédio 74-C. E-mail: daniel.coronel@uol.com.br.

³Graduando do curso de Ciências Econômicas da UFSM e bolsista da FAPERGS. Rua Roraima n° 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria, RS, CEP: 97105-900, prédio 74-C. E-mail: abbaders@gmail.com.

relacionadas à pecuária e ao trigo, e, no último, havia uma indústria de base artesanal. Até o século XX, a pecuária foi o principal produto exportado pelo Estado. Nesse período, a cultura do arroz passou a ser inserida. A partir de 1960, o sistema de cultivo tradicional entra em colapso, devido ao limite da fronteira agrícola. Têm-se, nesse período, a inserção da cultura de soja, incentivada pela política de crédito subsidiado dos anos setenta (JANSEN, 2006).

Observa-se que a participação do Rio Grande do Sul na pauta exportadora brasileira, em 1999, era de 10,41%, e, em 2012, de 7,17% (ALICE Web, 2013). O estado é o quinto maior exportador, em 2012, atrás de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná (FIESC, 2012). Esse fato pode estar relacionado com longos períodos de estiagem ocorrentes no estado, com a apreciação cambial, a qual pode ter afetado sobremaneira as exportações de manufaturados gaúchos, além de queda nas exportações de calçados devido à maior concorrência com calçados asiáticos (BELLO; TERUCHKIN; GARCIA, 2010).

Verifica-se que as exportações são importantes para a manutenção do saldo da balança comercial, bem como para a geração de divisas. Além da sua relevância em um contexto macroeconômico, é possível analisar suas repercussões no cenário microeconômico. Desta forma, tem-se as questões: qual é o impacto das exportações na geração de renda das mesorregiões gaúchas? De que forma se comporta o dinamismo dessas exportações?

Este trabalho procura analisar a importância das exportações na geração de renda das mesorregiões gaúchas, de 1999 a 2010. Parte-se da hipótese de que as exportações são parte relevante da renda de cada mesorregião gaúcha, corroborando, então, com um esforço exportador significativo.

O artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção, é apresentado o referencial teórico; na seção seguinte, tem-se uma breve análise das exportações gaúchas; na quarta e quinta seções, estão os aspectos metodológicos e a análise dos resultados, respectivamente, e, na última, encontram-se as conclusões.

2 Referencial Teórico

Com os respectivos conceitos de vantagens absolutas e comparativas, o livre comércio foi justificado pelos economistas clássicos, Adam Smith (1983) e David Ricardo (1982). Em 1776, Adam Smith publicou *A Riqueza das Nações: investigação sobre a natureza e suas causas*, onde formulou, com base na divisão do trabalho, a teoria que ficou conhecida como

Vantagens Absolutas, tendo como pressuposto básico que, se duas nações aceitassem comercializar entre si, ambas poderiam ganhar.

O princípio das Vantagens Absolutas postula que as nações deveriam especializar-se na produção da *commodity* a qual produzissem com maior vantagem absoluta e trocar parte de sua produção pela *commodity* que produzissem com desvantagem absoluta (SALVATORE, 2000). Contudo, havia uma grande limitação, visto que, se uma nação não apresentasse nenhuma vantagem absoluta, não poderia participar do comércio (RAINELLI, 1998). Os preços dos produtos eram determinados pelo custo da mão de obra empregada (trabalho), desconsiderando os custos como matéria-prima (natureza), investimentos e *know-how* (capital) (MAIA, 2001).

O principal objetivo de Smith ao propor a livre troca era a abertura dos mercados internacionais para os produtos industriais ingleses, para que a Inglaterra não bloqueasse o desenvolvimento de sua industrialização, uma vez que seu mercado interno era pequeno e incapaz de absorver toda a produção. Além disso, o comércio entre países levaria à acumulação de capital, e, como consequência, ao desenvolvimento econômico (BRASIL, 2011).

Nos Princípios de Economia Política, em 1817, David Ricardo realizou avanços na teoria de Adam Smith ao expor a Lei das Vantagens Comparativas. Conforme esta, mesmo que uma nação possua desvantagem absoluta na produção de ambas as *commodities*, ainda assim haveria uma possibilidade de comércio, desde que a nação se especializasse na produção de sua *commodity* de menor desvantagem absoluta. As vantagens comparativas implicam a especialização da produção dos bens em que apresenta o menor custo relativo, na comparação de dois bens.

A Teoria Clássica do Comércio Internacional não é suficiente para explicar o atual funcionamento do comércio internacional. Para os pressupostos clássicos serem válidos, o comércio internacional deveria observar as seguintes condições: concorrência perfeita nos mercados de bens e fatores; livre comércio, dentre outros (FERRARI FILHO, 1996).

Com o sentido de preencher as lacunas da Teoria do Comércio Internacional, a Teoria Neoclássica do Comércio Internacional resultou no modelo de Heckscher-Ohlin. As limitações da Teoria das Vantagens Comparativas resultaram no modelo neoclássico de Heckscher-Ohlin. A introdução de outros fatores de produção permitiu compreender a vantagem comparativa como a produção do bem em que seja intensivo no fator de produção abundante em determinado país (SCARDUELLI, 2012). Esse teorema explica as vantagens

comparativas através da dotação de fatores e, portanto, a utilização do fator de produção mais abundante sugere que seu custo é menor, resultando em mercadorias com preços mais baixos (KRUGMAN; OBSTFELD, 2005).

De acordo com Salvatore (2000), o modelo consiste no comércio em que cada nação exportará a *commodity* intensiva em seu fator abundante de produção e importará a *commodity* que exija a utilização do seu fator escasso e maior custo de produção. Logo, a utilização do fator de produção mais abundante sugere que seu custo é menor, resultando em mercadorias com preços mais baixos e uma produção mais eficiente.

Cabe destacar que a troca de produtos intensivos em diferentes fatores produtivos pode substituir a mobilidade internacional destes fatores. Contudo, a liberalização comercial prejudica determinado país que possua um fator produtivo relativamente escasso (CAVES; FRANKEL; JONES, 2001). Além disso, dificilmente a economia mundial encontra-se em plena liberalização do comércio, em que os impedimentos vão desde barreiras tarifárias até as não tarifárias, como cotas, restrição voluntária às exportações, subsídios, barreiras sanitárias e fitossanitárias, técnicas, ambientais, burocráticas, entre outras (LOPES *et al.*, 2013).

A inadequação das teorias anteriores do comércio internacional para explicar o mercado atual se dá pelo fato de considerarem a ausência de economias de escala, as tecnologias constantes, a imobilidade dos fatores e a concorrência perfeita entre os agentes (SALVATORE, 2000). A teoria da vantagem competitiva de Michael Porter traz um conceito mais condizente com a realidade moderna.

A vantagem competitiva baseia-se na produtividade, por meio de economias de escala, diferenciação de produto, mudanças tecnológicas. Desta forma, o comércio internacional permite o aumento de produtividade e elimina a necessidade da produção de todos os bens e serviços dentro de um país. “A questão mais importante é como as empresas e países melhoram a qualidade dos fatores, aumentam a produtividade com que são utilizados e criam novos” (PORTER, 1993, p. 22).

A teoria de Porter baseia-se em estudos empíricos em nações já industrializadas, respalda-se nos países desenvolvidos, os quais necessitam cada vez mais de aprimoramento do produto, e o aspecto qualitativo, e não quantitativo, é o mais importante (PORTER, 1993).

Isto posto, a pesquisa aborda a influência do comércio internacional na renda gaúcha, seja pelo menor custo produtivo em relação ao tempo de trabalho, como aborda a teoria clássica, seja pela abundância do fator produtivo, recursos naturais, como clima favorável, na produção dos bens em questão. Cabe destacar que a competitividade brasileira, e,

consequentemente, a gaúcha, no mercado internacional é explicada pela elevada produtividade, pelo desenvolvimento de pesquisas e tecnologias. Desta forma, para mensurar a influência das exportações na renda das mesorregiões, aplicar-se-á o Índice de Esforço Exportador, o qual será discutido na seção a seguir.

3 Breve análise do mercado produtivo e exportador das mesorregiões gaúchas

À medida que as colônias de imigrantes alemães e italianos foram implantadas, estradas eram construídas, povoados surgiam, possibilitando uma nova dinâmica nesses espaços. Enquanto isso, nas áreas de ocupação mais antiga (luso-brasileiros), não ocorria uma dinamização tão intensa no espaço como nas áreas coloniais. Esse aspecto histórico pode explicar a atual composição produtiva das mesorregiões gaúchas. A Figura 1 descreve a divisão do Rio Grande do Sul em suas mesorregiões.



Figura 1- Mesorregiões gaúchas.

Fonte: FEE. Legenda: 1 - Noroeste Rio-grandense; 2 - Nordeste Rio-grandense; 3 - Centro Ocidental Rio-grandense; 4 - Centro Oriental Rio-grandense; 5 - Metropolitana de Porto Alegre; 6 - Sudoeste Rio-grandense; 7 - Sudeste Rio-grandense.

No Sudeste gaúcho, têm-se como principais atividades produtivas o arroz irrigado e a pecuária de corte, comércio, serviços, atividades ligadas ao segmento portuário e indústria petroquímica. No âmbito do Sul do estado, têm-se como atividade crescente a produção florestal para a indústria de celulose. A mesorregião Sudoeste é tradicionalmente produtora de arroz e soja (BENETTI, 2006).

A mesorregião Centro-Occidental destaca-se na produção de soja e na atividade pecuária, inclusive no setor terciário, em serviços de educação. A mesorregião Centro-Oriental tem como principais atividades econômicas a agropecuária e agroindústria do fumo (BENETTI, 2006; MORAES, 2013).

A mesorregião Nordeste, além de ter agropecuária diversificada, desenvolveu uma forte estrutura industrial, com setores como alimentos e bebidas, material de transporte, mecânica, química e metalurgia (MORAES, 2013). A mesorregião Noroeste é constituída pela agricultura moderna, com importantes áreas de produção de grãos no Estado e criação de pequenos animais, como suínos e aves (CHELOTTI, 2011).

A mesorregião Metropolitana de Porto Alegre destaca-se na produção industrial, polímeros (matéria plástica), coureiro calçadista, nos serviços e no comércio. Além disso, cabe ressaltar as atividades de turismo no litoral, bem como a Refinaria Alberto Pasqualini em Canoas (MORAES, 2013).

Os principais produtos da pauta exportadora do Estado são os do complexo soja — grão, farelo e óleo —, o tabaco, os cereais — arroz e trigo —, as carnes — de aves e suína —, os calçados, os polímeros e os tratores e demais máquinas agrícolas (GARCIA, 2012).

Entre os produtos derivados do petróleo, os polímeros, as exportações concentram-se em combustíveis, óleos minerais, plásticos do Polo Petroquímico de Triunfo na mesorregião Metropolitana de Porto Alegre (GARCIA, 2012).

Cabe destacar que as vendas externas de calçados de couro vêm declinando aceleradamente no Rio Grande do Sul em função do elevado custo comparativo da mão de obra local, além da depreciação do dólar, que torna os produtos brasileiros relativamente mais caros no exterior, no Ceará, no Vietnã, na Indonésia e na Índia. Contudo, continuou o processo de agregação de valor ao calçado gaúcho através de *design*, de marca própria, entre outros elementos de agregação de valor (GARCIA, 2012).

4 Metodologia

Esta pesquisa apresenta a técnica indireta, através da pesquisa documental e bibliográfica. As fontes de informações para a pesquisa são órgãos especializados em comércio internacional, como o Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE Web) e a Fundação de Economia e Estatística (FEE), por exemplo, bem como livros, artigos científicos, revistas, entre outros.

No que se refere ao procedimento, utiliza-se o método monográfico e estatístico, pois pretende-se realizar um estudo em um tempo e tema específico, a partir de uma descrição quantitativa do tema abordado, através da análise de tabelas e o estabelecimento de relações básicas entre variáveis (MARCONI; LAKATUS, 2005).

A pesquisa apresenta, quanto à sua natureza, um caráter aplicado, em que se objetiva a aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação no tema específico, através da discussão e análise do comércio internacional das mesorregiões do Rio Grande do Sul. Caracteriza-se pelo cunho exploratório e explicativo, pois, primeiramente, realizou-se um levantamento bibliográfico a fim de estabelecer uma maior familiaridade e percepção para com o tema, seguido da identificação de alguns fatores que contribuem com esse comércio. Quanto à abordagem utilizada pela pesquisa, esta é predominantemente quantitativa, porém, utiliza-se também de variáveis conceituais em um menor número (GIL, 2010).

4.1 Referencial Analítico

O método analítico baseia-se no Índice de Esforço Exportador (IEE), o qual mede o grau de abertura da economia, além de indicar a porcentagem do produto nacional que é dedicada aos mercados estrangeiros (HERRERO, 2001). O índice pode ser expresso da seguinte forma:

$$IEE_{k,t} = X_{k,t} / PIB_{k,t}$$

onde:

X são as exportações da região k , no período t ;

PIB representa o Produto Interno Bruto da região k , no período t .

4.2 Fonte e base de dados

Os dados referentes ao Produto Interno Bruto de cada mesorregião serão coletados na Fundação de Economia e Estatística (FEE), e os dados sobre as exportações, no Sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior (ALICE Web). O período de análise é anual, de 1999 a 2010, em função da disponibilidade de dados da FEE. As mesorregiões gaúchas são as seguintes: Centro Ocidental Rio-Grandense, Centro Oriental Rio-Grandense, Metropolitana de Porto Alegre, Nordeste Rio-Grandense, Noroeste Rio-Grandense, Sudeste Rio-Grandense e Sudoeste Rio-Grandense.

5 Análise e discussão dos resultados

Nesta seção, serão discutidos e analisados os principais resultados apontados pela pesquisa acerca do dinamismo das exportações e sua participação nas mesorregiões gaúchas, ou seja, os resultados do Índice de Esforço Exportador.

De acordo com a Figura 1, verifica-se que o Índice de Esforço Exportador é maior para a região Centro-Oriental e Sudeste desde 1999 a 2010.

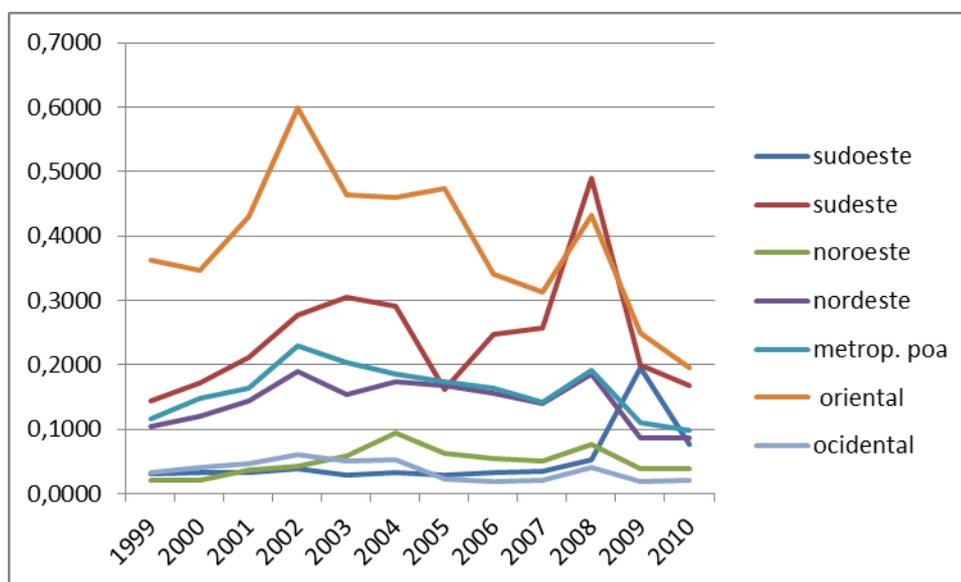


Figura 1- Índice de esforço exportador das mesorregiões do Rio Grande do Sul
Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do ALICE Web, FEE.

A região Sudeste é a terceira maior mesorregião exportadora do estado, devido ao seu dinamismo no comércio internacional através do porto de Rio Grande, de acordo com a Figura 3. A mesorregião Centro-Oriental é a segunda maior exportadora do estado, ao longo do período analisado. Contudo, é importante ressaltar o baixo nível de renda, através da Figura 2. Desta forma, as vendas ao exterior representam parcela significativa do produto, através do elevado IEE. A região exporta principalmente produtos da cultura fumageira.

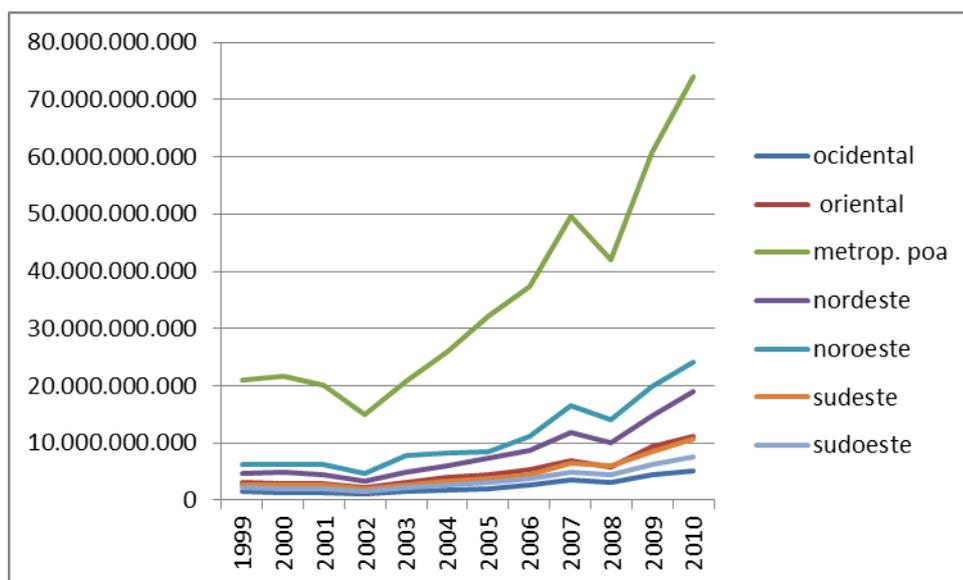


Figura 2- Produto Interno Bruto (US\$) das mesorregiões gaúchas

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da FEE.

Em um nível intermediário do Índice de Esforço Exportador, encontram-se a região Metropolitana de Porto Alegre e a Nordeste. Estas são a primeira e quarta maiores mesorregiões exportadoras gaúchas, respectivamente, com maior e terceiro maior nível de renda do estado. É nestas regiões que se observam exportações com maior valor agregado, com produtos de maior base industrial.

Verifica-se uma menor participação das exportações na renda, para as mesorregiões Noroeste, Centro-Occidental e Sudoeste. A mesorregião Noroeste, apesar de ser a de segunda maior renda do estado e de ter a base de agricultura moderna, tem pouca representatividade de suas vendas ao exterior. As regiões Centro-Occidental e Sudoeste têm pouca participação no produto e nas exportações do Rio Grande do Sul, o que justifica baixos valores do IEE.

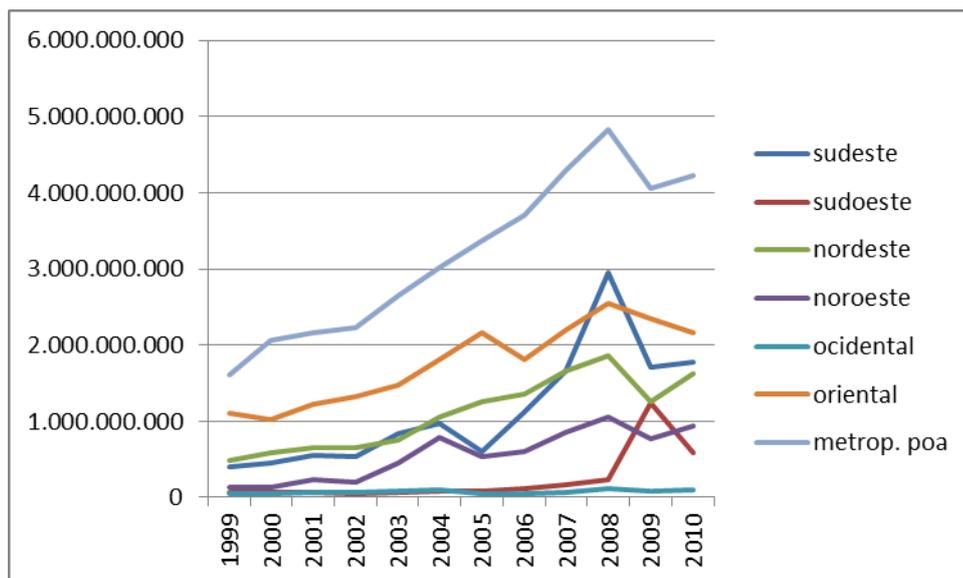


Figura 3- Exportações das mesorregiões gaúchas (US\$)

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do ALICE Web.

Isto posto, pode-se sugerir que, da região Centro-Oriental ao Sudeste gaúcho, há maior dinamismo e esforço para exportar, uma vez que apresentam vantagens, sejam elas comparativas ou competitivas, na exportação de produtos agropecuários. No Sudoeste, Centro-Occidental e Noroeste ainda existem reflexos da agricultura de grandes propriedades e ainda não suficientemente competitivas em relação ao mercado externo.

As regiões Metropolitana e Nordeste destinam boa parte de sua produção ao mercado interno e não ao externo. Essas regiões exportam produtos de maior caráter industrial em comparação com as demais regiões do estado. Desta forma, têm-se maiores IEE nas regiões mais competitivas em bens agropecuários, o que reforça a importância da tradição gaúcha na produção do campo.

Cabe ressaltar que o índice oscilou a partir de 2008, em função da crise financeira do período, a qual trouxe expectativas de incerteza para os agentes econômicos. A crise reduziu a atividade econômica e, conseqüentemente, diminuiu a demanda externa pelos produtos gaúchos.

6 Considerações finais

O Rio Grande do Sul é um dos estados com maior representatividade nas exportações brasileiras, principalmente no que tange às exportações de produtos agropecuários. Desta forma, buscou-se analisar a participação das exportações gaúchas na composição da renda de suas mesorregiões.

Os maiores valores do IEE foram das mesorregiões Sudeste e Centro-Oriental em virtude do maior dinamismo das atividades agropecuárias, bem como pela atratividade da infraestrutura do porto de Rio Grande.

Os valores intermediários do índice foram para as regiões Nordeste e Metropolitana de Porto Alegre, pois estas destinam boa parte de sua produção, de caráter industrial, para o mercado interno.

O IEE apresentou valores baixos para as mesorregiões Noroeste, Sudeste e Centro-Ocidental em função dos reflexos da agricultura de grandes propriedades, não suficientemente competitivas em relação às demais regiões.

Desta forma, verifica-se que as exportações são parcelas relevantes da formação da renda das mesorregiões gaúchas, seja pela competitividade destas frente ao mercado internacional, seja pelo baixo dinamismo dos demais fatores que compõem a demanda agregada, como os investimentos, o consumo dos agentes públicos e privados, além das importações.

Contudo, o trabalho apresenta limitações, bem como sugestões para pesquisas futuras, podendo-se incluir mais variáveis que apresentem o poder explicativo para a composição da renda das mesorregiões gaúchas, através de um modelo de Vetores Autorregressivos (VAR) e de Vetor de Correção de Erros (VEC), por exemplo.

Referências

ALICE WEB - ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR. **Consultas.** Disponível em <<http://aliceweb2.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

BAIXAR MAPAS. **Mesorregiões gaúchas.** Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-do-rio-grande-do-sul-mesorregioes>>. Acesso m: 18 nov. 2013.

BRASIL, L. A. **A pauta exportadora brasileira na década de 2000 e o processo de reprimarização**. 2011. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BELLO, T. S.; TERUCHKIN, S. U.; GARCIA, A. A. **Alterações no perfil das exportações gaúchas**. O movimento da produção. (Três décadas de economia gaúcha, v. 2). 2010.

BENETTI, M. D. Perspectivas de transformações estruturais na economia da Metade Sul do Estado. **Indicadores Econômicos da FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 129-142, mar. 2007.

CAVES, R. E.; FRANKEL, J. A.; JONES, R. W. **Economia Internacional**: comércio e transações globais. 6. Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

CHELOTTI, M. C. Produção desigual do espaço e dinâmica regional da agropecuária na campanha gaúcha. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 2, n. 6, p. 36-67, abr. 2011.

FEE- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **FEEdados**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br>>. Acesso em: 28 out. 2013.
FIESC, 2012

FERRARI FILHO, F. Economia internacional. In: SOUZA, N. J. (Org.). **Introdução à economia**. 2ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GARCIA, A. A. As exportações gaúchas em 2011: desempenho e perspectivas. **Texto para Discussão FEE N° 100**. Porto Alegre, fev. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HERRERO, L. **El Comercio Internacional**. Madrid, AKAL, 2001.

JANSEN, S. L. . Evolução da Estrutura Produtiva do Rio Grande do Sul: Uma Análise do período de 1940 a 1995/96. In: **3 Encontro de Economia Gaúcha**, 2006, Porto Alegre. 3 Encontro de Economia Gaúcha, 2006.

LOPES, M. M. et al. Análise da competitividade das exportações agrícolas brasileiras para a China: uma análise do complexo soja e fumo. **Revista UNIABEU**, Belford Roxo, v. 6, n. 13, p. 189-208, mai./ago. 2013.

KRUGMAN, P.; OBSTFELD, M. **Economia Internacional**. 6. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2005.

MAIA, J. M. **Economia internacional e comércio exterior**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATUS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MORAES, S. L. **A relação entre interação setorial e o desempenho econômico das mesorregiões gaúchas nos anos 2000**. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento Econômico)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PORTER, M. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1993.

RAINELLI, M. **Nova teoria do comércio internacional**. Bauru: EDUSC, 1998.

SALVATORE, D. **Economia Internacional**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 2000.

SCARDUELLI, R. B. **Análise da pauta exportadora do Rio Grande do Sul no período de 2000-2010**. 2012. 66 f. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.